DINASTIAS

ROTHSCHILD: O BANQUEIRO FRANCÊS QUE ABRASILEIROU

Apaixonado por Trancoso (BA), Philippe de Nicolay deixou Paris para trás. Hoje, quer tornar o champanhe da família um dos melhores do mundo

POR FRANÇOISE TERZIAN FOTOS LETÍCIA MOREIRA

HÁ CERCA DE 15 DIAS, o banqueiro francês Philippe de Nicolay Rothschild, um autêntico membro da dinastia iniciada pelo banqueiro alemão Mayer Amschel Rothschild no século 18, desembarcou em São Paulo, sua residência oficial desde 2010, com um sorriso de canto a canto de boca. O motivo foi o que viu na recente visita feita à adega da família na região de Champagne, onde mantém, ao lado dos primos, o primeiro negócio de borbulhantes do clã, a Barons de Rothschild, uma marca que, segundo ele, nasceu para ser exclusivíssima. Ou como ele ambiciona: "Uma das três melhores do mundo, ao lado de Krug e Cristal". "Degustei seis vinhos brancos da safra 2013 e eles estão fantásticos. Vão entrar na mistura para fazer os champanhes que devem chegar ao mercado em 2019. Uma parte também será reservada para a produção da versão vintage Barons de Rothschild, que deve chegar ao mercado por volta de 2022", contou, em entrevista exclusiva à FORBES Brasil, em um português praticamente impecável. Os tropecos no idioma são mínimos e explicáveis. Ao invés de falar "na França", ele costuma dizer "em França", uma clara tradução de en France.

Um dos acionistas do banco de investimentos Rothschild, com presença em 43 países, incluindo o Brasil, o empresário de 58 anos é o que se pode chamar de um completo apaixonado pelo Brasil. Os muitos – e desacelerados – passeios que fez ao Club Med de Trancoso, na Bahia, acabaram despertando em Philippe a vontade de mudar de vida. Foi assim que, após passar o Natal e o Réveillon no Brasil em 2009, o banqueiro retornou a Paris com uma notícia surpreendente. Comunicou ao irmão mais velho, David, e aos filhos que estudam na Inglaterra que deixaria o comando das áreas de *private banking* da instituição financeira controlada pela família. Até a residência em solo parisiense foi desfeita.

Recomeçar em um país novo aos 54 anos? Se ouvisse, provavelmente o poeta e novelista Victor Hugo teria usado uma de suas frases: "O futuro têm muitos nomes. Para os incapazes, o inalcançável; para os medrosos, o desconhecido; para os valentes, a oportunidade". Foi assim que Rothschild recomeçou sua vida do lado de cá do Atlântico. "Apaixonei-me pelo Brasil. Comprei um terreno em Trancoso e comecei a construir uma casa e, por conta dela, passei a viajar muito para São Paulo para comprar móveis."

Na capital econômica do país ele fez amigos e encontrou um amor. Em janeiro, Philippe pediu Cris Lotaif, diretora da Dior Brasil, em casamento.

E os negócios? Rothschild abrasileirou, mas mantém as viagens para Paris de cinco a seis vezes por ano, para participar das reuniões do conselho de administração do banco, do qual é membro e também acionista. Mas sua rotina na França se resume a isso. "Escolhi fazer parte do Novo Mundo e não mais do Velho Mundo", afirma. É sua aposta nos emergentes? "O Brasil não é um país emergente. Ele já está emergido. Há aqui uma vontade de criar e uma alegria que, infelizmente, não existe mais na França. O clima lá é mais pesado, por conta da crise e também pela dificuldade de se reinventar a cada ano. Adoro a França, mas tenho vontade de andar para a frente", admite.

Embora tenha nascido e crescido em Paris, Rothschild é um *globetrotter*. Fez faculdade de ciências políticas na University of Southern California, em Los Angeles,

O MITO POR TRÁS DO SOBRENOME ROTHSCHILD

Foi na Frankfurt de 1744
que nasceu Mayer Amschel
Rothschild, um banqueiro
alemão de origem judaica
e fundador da dinastia
capitalista mais bem-sucedida
da história. O sobrenome
cunhou a expressão "rico
como um Rothschild". Na
lista dos 20 homens mais



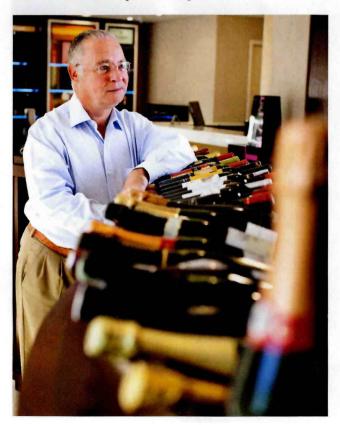
influentes do mundo dos negócios de todos os tempos, a FORBES posicionou Rothschid em sétimo lugar e o definiu como "pai fundador das finanças internacionais". Ele teve dez filhos, sendo cinco deles homens. Um ficou com o pai, em Frankfurt, e os outros quatro ocuparam pontos diferentes da Europa – Nápoles, Viena, Londres e Paris. Em cada canto fundaram um banco. "Foi a primeira rede de bancos do mundo", explica Philippe de Nicolay Rothschild. Hoje, no entanto, só há herdeiros do ramo inglês e francês. Na foto acima, o brasão da família com as palavras concordia (em referência aos cinco irmãos), integritas (honestidade) e indústria (não se tem sucesso sem trabalho).



trabalhou no banco da família em Paris e, mais tarde, na filial de Londres, onde morou por quase 11 anos. Muito habituado com o Japão, Hong Kong e Cingapura, voou exatas 61 vezes à Ásia, onde presidiu o *private banking* do clã no país do sol nascente. Sua carreira como executivo no banco familiar teve fim no começo de 2010, após 30 anos de contribuição.

Hoje, a vida profissional de Philippe enveredou para outro campo, assim como a história da família, que, por diversas gerações e ramificações, é marcada pela ligação com o vinho. O clã é dono de referências como o Château Mouton Rothschild. Agora, contudo, os Rothschild se unem em torno de uma causa. "Pela primeira vez desde 1700, a família se juntou para fazer champanhe. Os três ramos que têm vinho agora se uniram para produzir o Barons de Rothschild", explica. O trio a que ele se refere são: Château Lafite Rothschild, Château Mouton Rothschild e Château Clarke, todos localizados em Bordeaux. Cada um detém pouco mais 33% do negócio criado na região de Champagne.

As duas primeiras vinícolas, garante o empresário, produzem vinhos que estão entre os 15 melhores do mundo. "Diante dessas credenciais, você não pode fazer um champanhe ruim. Por isso usamos somente 67 hectares da região de Champagne, hoje com 34 mil hectares de plantações de vinhas e uvas. Queríamos as melhores uvas, o coração do filé mignon, *o crème de la crème* para produzir apenas 500 mil garrafas do champanhe Barons de Rothschild por ano", explica.



Em uma breve comparação, o empresário francês conta que marcas como Veuve Clicquot e Moët & Chandon produzem, anualmente, entre 20 milhões e 60 milhões de garrafas. Já a Dom Pérignon, calcula, desenvolve 5 milhões de garrafas/ano. A primeira leva da bebida da Barons de Rothschild chegou ao mercado em 2011, após oito anos de desenvolvimento. Até agora, desembarcaram nas prateleiras apenas as versões *non-vintage*. Ou seja, aquelas cujo ano da bebida não é listado no rótulo. Afinal, seu conteúdo é resultado da combinação de vinhos de diferentes anos, resultando nas versões brut, blanc de blanc e rosé.

NO ANO PASSADO, PHILIPPE IMPORTOU 3 mil garrafas para o Brasil por meio de sua recém-aberta PNR Import. Para 2014, a meta é ultrapassar esse volume. Além da loja BR Bebidas, vendedora exclusiva de seu champanhe em São Paulo, Philippe quer trabalhar com uma loja por capital, a exemplo do Rio de Janeiro, Brasília e Curitiba. Todas as unidades trazidas foram vendidas em São Paulo, de meados de outubro a meados de dezembro, ao preço de R\$ 280 (brut) a R\$ 350 (outras versões) a garrafa. "Isso prova que, embora a cerveja seja a bebida mais consumida no Brasil, os hábitos aqui estão mudando e o consumo de vinhos e champanhe está crescendo."

O próximo passo da Barons de Rothschild é o lançamento, até o Natal, de sua primeira edição safrada. A bebida vintage terá como data 2006, com base exclusiva nas uvas chardonnay. A bebida em questão encontra-se em fase de finalização. "Serão poucas garrafas, no máximo 7 mil, enquanto toda a região de Champagne vende por volta de 300 milhões de garrafas por ano. A versão vintage será nosso ouro líquido", promete. Um produto que ele define como muito bom, muito exclusivo e, inevitavelmente, caro.

Como a safra de 2007 foi ruim, não haverá versão vintage referente a esse ano. O preço ainda não foi definido, mas o empresário garante que dificilmente sairá por menos de R\$ 1,5 mil. Ou poderá custar até mais. Para o Brasil, sua expectativa é importar pelo menos 100 garrafas. Na premiação da revista *Wine Spectator* em parceria com o crítico americano Stephen Tanzer, da Wine Cellar, os champanhes da Barons de Rothschild receberam notas entre 90 e 92 pontos. O teto é 100 pontos. "Se a nota foi alta nas versões *non-vintage*, na vintage minha aposta é que recebamos notas entre 94 e 95. Deveremos nos posicionar entre os três melhores do mundo", ambiciona.

O Brasil, explica, tornou-se um país importante para a marca. "É a sexta economia mais poderosa do mundo e há mais e mais pessoas com dinheiro para comprar produtos especiais. E eu estou aqui para cuidar delas." Pelo menos foi isso que Philippe disse aos primos, para justificar a cota de vintage que pretende importar para cá no final do ano.

A lei da região de Champagne prega que uma garrafa precisa ficar pelo menos 18 meses na adega antes de ser vendida. "Para nós, fica pelo menos três anos porque, para produzir o melhor champanhe, não é a lei que manda, mas a natureza."



O MUNDO segundo Philippe de Nicolay Rothschild



DESTINO Trancoso, na Bahia. "É um paraíso total." Ilha de Capri, na Itália, em maio, quando tem pouca gente. "Não gosto de lugares cheios."



ESPORTE
Golfe é o esporte
predileto.
"Jogo há quase
52 anos."



RESTAURANTE Apicius, duas estrelas do Guia Michelin, do chef Jean-Pierre Vigato. "Eu nunca vi o cardápio. Toda vez que vou ao restaurante, o chef pergunta se tenho fome, pouca fome ou muita fome e ele mesmo escolhe. O conheço há 15 anos e ele sempre acerta. Também recomendo o restaurante do Hotel Bristol, de Paris, três estrelas do Guia Michelin."



GRIFE
Sapatos da marca
francesa Berluti
(adquirida pelo
grupo LVMH).
Roupas sociais,
apenas Dior
Homme, a exemplo
dos ternos, blazers
e calças.



HOBBY
Tem coleção
de relógios.
"Tenho vários,
mas a maior
parte da
coleção está
em Paris."



CARRO
Paixão por
Ferrari vermelha,
que chegou a
ter em Paris.
"Em São Paulo
é complicado,
pois eu teria que
blindar a Ferrari."